

# Como o Brasil chegou a FHC

JORNAL DE BRASÍLIA

02 JAN 1995

IGNÁCIO DE ARAGÃO

A chegada de Fernando Henrique ao Palácio do Planalto, neste primeiro de janeiro, para declarar inaugurado o ano de 1995 e reservar para si, não só ele, mas os três anos brasileiros que se seguirão, é fato relevante da história nacional. Muita gente pensa que a eleição de FHC foi "consequência" do abastardamento da classe política, da reação do povo contra a degeneração da forma de governar ou do medo de que Lula viesse a empalmar a Presidência, esse posto mítico pelo qual se transforma, do dia para a noite, um homem comum em "chefe", em "comandante-em-chefe", naquele que pode falar grosso, bater na mesa, dar ordens, usar a primeira pessoa, mandar e desmandar, e, por uma lei insondável, não escrita, todos, do mesmo dia para a noite, passam a obedecê-lo e até a temê-lo, sem que ele tivesse nascido príncipe herdeiro, mas é ungido pelo voto democrático como se tivesse nascido.

Fernando Henrique não é, porém, um homem comum. Se o fosse, teria nascido em Goiás Velho, a antiga capital goiana, sido criado na casa do avô, que ali também deveria viver, caçando passarinho e pescando no rio Vermelho, mais tarde vereador, quem sabe, pela origem familiar, até deputado estadual. Mas, a roda da história da vida girou para o lado dele. O avô assentou praça e terminou marechal, o pai também assentou praça e terminou general, naquele tempo um jovem pobre da classe média alta não tinha outro caminho se não a carreira das armas paga pelo Governo. Filho de militar, nasceu no Rio, não tinha por que nascer em Goiás Velho, onde não havia quartel do Exército. Por ser filho de mi-

litar, acompanhou o pai para São Paulo. Estudou e teve a sorte de integrar aquela plêiade de jovens exilados pela Revolução, que voltou capacitado para a vida no mais alto nível. Aí, então, por exemplo, além dele, José Serra, Celso Furtado e Francisco Welfort e muitos outros. Foi talvez o maior serviço que a Revolução prestou ao Brasil.

À espera de que a roda continuasse girando, evoluiu o processo de decantação da vida política brasileira, de que Fernando Henrique é um produto e não uma consequência processo que começou com o suicídio de Getúlio em 1954, há quarenta anos. Juscelino só foi eleito pela divisão das forças partidárias e pelo fato de os políticos, banqueiros e intelectuais mineiros estarem vivendo uma ostensiva mancha com o Rio de Janeiro, onde se complicavam e resolviam os problemas nacionais, enquanto seus colegas paulistas trancavam-se provincianamente em fabulosas mansões do Jardim Europa, só preocupados em ganhar cada vez mais dinheiro e ostentar a sua riqueza, esquecendo do Brasil. Tanto que deixaram eleger governador de São Paulo um arrivista que chegou a Paulicéia, de nome Jânio Quadros, mas descobriu um sistema próprio de populismo, diferente do de Vargas, na base do combate à corrupção com uma vassoura e exibição de pobreza caspenta, inspirando o que mais tarde veio a ser populismo do PT. No dia em que saiu de São Paulo e conseguiu galgar a Presidência, Jânio não agüentou a luz da realidade e fugiu, voltando para São Paulo. O Brasil não valeu para ele. Era preciso, no processo, chegar ao fundo do poço. A Jânio sucedeu o inexperiente Jango, destruído

por um sindicalismo fisiológico do imposto sindical a que aderira e por um cunhado chamado Brizola, cuja ambição, como um câncer, se espalhou por metástase. Quando chegou, dentro do processo, o golpe de 64 foi recebido até como salvação, no primeiro momento. E a roda da vida de FHC girando, arguta, observadora, esperando o momento certo. Tal como Franco mandou educar o príncipe e hoje rei Don Juan, a Revolução sem consciência do que fazia, exilou, para prepará-los, os jovens mais futuros, como já disse, entre eles FHC. O processo requeria tempo para a hora certa. Submeteu-nos a Sarney e a Collor, não por acaso, mas porque tinha que acontecer. Imaginem se Tancredo não tivesse morrido! Mas, até isto, estava no processo. Foi preciso chegar a Itamar, estava escrito, um senador simples e respeitado que jamais as forças partidárias escolheriam para candidato a Presidência, mas Collor escolheu e, hoje se vê, não foi por acaso. Inacreditavelmente, Itamar está saindo laureado como um general romano retornando das guerras do Império, mais vitorioso do que Otávio Augusto que não conseguiu conquistar Cleópatra. Foi o primeiro presidente, desde 1930, que fez o sucessor de sua preferência. O processo, que produziu a ascensão de FHC, terminou sábado com Itamar.

Novo processo começa agora. Espera-se que o Presidente tenha consciência do que ocorreu, no Brasil, para que ele chegasse a onde chegou, e construa um novo país, rico, forte, respeitado e bom para os brasileiros. Agora, a roda parou e quem traça o destino é ele.

■ *Ignácio de Aragão é escritor*